



AHNARA: EDUCAÇÃO ENTRE-LINHAS

Maria Paula Pinto dos Santos BELCAVELLO[√]

É dezembro. As festas de final de ano ainda aconteciam quando sua mãe a acordou dizendo que se mudariam no dia seguinte. A pequena, por um instante, pensou que estava sonhando e se virou para parede ajeitando sua manta de seda, um dos presentes de Natal. Na noite anterior, mal havia pregado os olhos; a agitação da matilha invadiu seu quarto como se estivesse aos pés do ouvido; o labirinto se esforçou para se adaptar aos ruídos, mas foi vencido. Ahnara é uma menina apaixonada por histórias de investigação; passa horas assistindo a filmes e séries tentando desvendar, sem definir, os mistérios de uma vida... Quando perde o sono, enlaça seu livro de cabeceira até adormecer; um hábito noturno que alimenta desde muito nova. Neste momento, estava enredada n’**O livro dos espelhos**¹; um romance policial enigmático que desafia a mente humana; dissimula, ofusca e seduz em um jogo entre espelhos e reflexos: real, imaginário; atual, virtual; verdade, falso? Alternativas, duplos indecidíveis como se, incansavelmente, um corresse atrás do outro; se refletissem um no outro, em torno de um ponto de **indiscernibilidade**². Na tentativa de se lembrar dos acontecimentos que atravessaram o assassinato do ilustre professor universitário Joseph Wieder, a mente se esforça para evocar as informações daquele funesto e inescrutável dia. Em uma aposta de que as encontrariam guardadas – como um arquivo a ser acessado a qualquer tempo e a serviço de um certo tipo de conhecimento – clama obstinadamente pela atenção da memória psicológica.

Sabe como é: você acha que esqueceu algo – um fato, uma pessoa, uma situação – e então, de repente, percebe que a lembrança estava jogada em um canto escondido da mente, e que ela sempre esteve ali, como se o episódio tivesse ocorrido ontem. É como abrir um armário velho, cheio de tralhas: é só tirar uma caixa do lugar que tudo cai em cima de você³.

[√] Doutora em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais (IF Sudeste MG/ Campus Barbacena).

¹ CHIROVICI, 2017.

² DELEUZE, 2013, p. 16.

³ CHIROVICI, 2017, p. 12.

Uma memória constituída – faculdade sob os domínios e sujeição do passado – a oferecer lembranças que promovem desordem, dobram os sentidos e levam o reconhecimento ao fracasso. Um movimento aberrante, sem respostas da lembrança procurada a conservar um passado que já não é...

Como desvendar o crime?

Mas só há um crime: o próprio tempo. O que o movimento aberrante revela é o tempo como todo, como “abertura infinita”, anterioridade a qualquer movimento anormal definido pela motricidade: é preciso que o tempo seja anterior ao desenrolar regrado de qualquer ação, que haja “um nascimento do mundo que não esteja ligado perfeitamente à experiência de nossa motricidade”, e que “a mais remota lembrança de imagem esteja separada de qualquer movimento dos corpos”. Se o movimento normal vai subordinar o tempo, do qual nos dá uma representação indireta, o movimento aberrante atesta uma anterioridade do tempo, que ele nos apresenta diretamente, do fundo da desproporção das escalas, da dissipação dos centros⁴.

Força do esquecimento contra a preservação da memória...

A memória não está em nós, somos nós que nos movemos numa memória-Ser, numa memória-mundo. Somos construídos como memória, somos a um só tempo a infância, a adolescência, a velhice e a maturidade. O que acontece quando procuramos a lembrança?⁵.

Fiança numa memória subjugada pelo inconsciente?

(...) é no tempo que mergulhamos, não à mercê de uma memória psicológica que nos daria apenas uma representação indireta, não à mercê de uma imagem lembrança que nos remeteria apenas a um antigo presente, mas segundo uma memória mais profunda, memória do mundo que extrapola diretamente o tempo, alcançando no passado o que se furta à lembrança⁶.

Ahnara e sua mãe haviam se mudado há pouco para casa colonial no alto da montanha, com uma vista que quase dá para ver todo povoado. Nos fundos, um largo quintal abriga pomar e horta cuja variedade de plantios se transmuta em um grande caleidoscópio, a se contrair e dilatar, na exibição de cores quentes flutuantes. Efeitos das gotas de orvalho capturadas pelas teias da aranha que refletem, com violência, as cores cristalizadas. À frente da casa, um pequeno e majestoso jardim cria, em

⁴ DELEUZE, 2013, p. 51.

⁵ Ibid, p. 122.

⁶ Ibid, p. 53.

aliança com o tempo, caminhos imperceptíveis de bifurcação que se estendem até as bordas da alameda e separam uma casa da outra; mais parece *El jardín de senderos que se bifurcan*⁷. Lugar merecedor de um esplêndido cenário de filme, daquele que prende o espectador por horas a desfiar sua extraordinária fotografia. No arranjo interior da habitação, Ahnara acaba por ficar com o quarto dos fundos; sua mãe teve esse cuidado já pensando nos possíveis barulhos a interromper o sono da menina, que parece não ter gostado da ideia. Seu quarto tem uma janela que ocupa parte da parede de tão grande; quando fechada, forma um espelho colossal e sombrio. Logo pensou no trabalho que vai ter para limpar tudo aquilo. Vive a reclamar quando sua mãe pede para ajudar na limpeza da casa, já que a parte dos vidros é tarefa sua e a palavra de ordem é “não ter vestígios de sinais vitais”. As faces do espelho têm de estar límpidas como uma estrutura cristalina na composição de uma imagem bifacial;

como se uma imagem espetacular, uma foto, um cartão-postal se animassem, ganhassem independência e passassem para o atual, com o risco de a imagem atual voltar ao espelho, retomar lugar no cartão-postal ou na foto, segundo um duplo movimento de liberação e de captura⁸.

Incomodada com o tamanho daquela janela-espelho, Ahnara se arma sobre pesquisas investigativas e, numa urdidura alquimista, cria uma mistura que com apenas algumas borrifadas e um pano sedoso, faz os vidros ficarem imperceptíveis e se distenderem, rapidamente, em opaco-límpido. Um instante de troca entre duas faces indiscerníveis; duas faces que não se confundem, mas provocam confusão.

Entre as duas faces distintas uma dúvida sempre subsistirá, impedindo-nos de saber qual é a límpida, qual é a sombria, consideradas todas as condições⁹.

Quando a imagem virtual se torna atual, então é visível e límpida, como num espelho ou na solidez do cristal terminado. Mas a imagem atual também se torna virtual, por seu lado, remetida a outra parte, invisível, opaca, tenebrosa, como um cristal que mal foi retirado da terra. O par atual-virtual se prolonga, pois, imediatamente em opaco-límpido, expressão de sua troca. No entanto, basta que as condições (notadamente de temperatura) se modifiquem para que a face límpida escureça, e a face opaca adquira ou reencontre sua limpidez. A troca é relançada. Há, sim, distinção das duas faces, mas não discernibilidade, enquanto as condições não forem precisadas¹⁰.

⁷ BORGES, 1944.

⁸ DELEUZE, 2013, p. 88.

⁹ DELEUZE, 2013, p. 91.

¹⁰ DELEUZE, 2013, p. 90.

Ahnara se anima com a nova invenção e com a cena que produz uma pluralidade de percepções, como se o espelho, a todo momento, desafiasse – ao estilo **d'A dama de Xangai**¹¹ – quem por ele atravessa. Toda vez que se aproxima da janela, tem a impressão de que a lâmina de cristal se multiplica e a captura, em um circuito que sempre retorna; como se a única condição para se liberar fosse a criação de uma fissura, uma rachadura pela qual deva sair para afirmar a atividade da vida.

O cristal é expressão. A expressão vai do espelho ao germe. É o mesmo circuito que passa por três figuras, o atual e o virtual, o límpido e o opaco, o germe e o meio. Por um lado, o germe é a imagem virtual que fará cristalizar um meio atualmente amorfo, mas por outro lado, este deve ter uma estrutura virtualmente cristalizável, em relação à qual o germe desempenha o papel de imagem atual. Também aí o atual e o virtual se trocam numa indiscernibilidade que a cada vez deixa subsistir a distinção¹².

Em suas conversas com o espelho, ela insiste na questão da memória; nessa segurança de um lugar como arqueologia temporal, que restitui, acessa e rememora algo do passado; numa sucessão de eventos encadeados em dimensões necessariamente temporais: passado, presente, futuro.

(...) a memória não consiste, em absoluto, numa regressão do presente ao passado, mas, pelo contrário, num progresso do passado ao presente. É no passado que nos colocamos de saída. Partimos de um “estado virtual”, que conduzimos pouco a pouco, através de uma série de planos de consciência diferentes, até o termo em que ele se materializa numa percepção atual, isto é, até o ponto em que ele se torna um estado presente e atuante...¹³.

Futuro e passado não têm muito sentido; o que conta é o devir-presente¹⁴.

Ahnara fica horas afilando este mistério, a cada vibração tempestuosa, qual aranha a devorar sua indigesta presa...

O passado não se confunde com a existência mental das imagens-lembrança que o atualizam em nós. É no tempo que ele se conserva: é o elemento virtual em que penetramos para procurar a “lembrança pura” que vai se atualizar em uma “imagem-lembrança”. E não teria sinal algum do passado, se não fosse no passado que tivéssemos ido procurar seu germe¹⁵.

¹¹ Filme de Orson Welles, 1947, Estados Unidos.

¹² DELEUZE, 2013, p. 94.

¹³ BERGSON, 2010, p. 280-281.

¹⁴ DELEUZE; PARNET, 1998, p. 20.

¹⁵ DELEUZE, 2013, p. 121.

O espelho se demora numa espécie de prolongamento; reflete uma imagem-cristal e revela para menina – em menor circuito – uma imagem-tempo direta, ao invés de uma imagem indireta do tempo. Ahnara fica perturbada ao se deparar com a imagem-cristal refletida pelo espelho e ver que não é o tempo. No entanto, dá a ver sua operação oculta mais fundamental e pura; dá a ver a fundação do tempo não cronológico no cristal, interioridade movente e metamorfoseante; dá a ver o

jorrar do tempo como desdobramento perpétuo que o próprio cristal não para de fazer girar sobre si, que impede de findar, como cisão¹⁶. Temos um tempo crônico, não-cronológico, que produz movimentos necessariamente “anormais”, essencialmente “falsos”¹⁷.

Ahnara se vê completamente envolvida pelo espelho, como a aranha fêmea a envolver seus ovos na ooteca à espera da eclosão de fios de vida; presa em sua própria teia. Na defesa de suas tes(c)es, desa-fia perigosamente o espelho que, em um único lance, é capturado pelo movimento *en passant* da pequena. Sem ter como fugir dessa jogada de mestre, abre-se em variações de camadas a entrelaçar as facetadas de um cristal.

...onde começa a vida?

O tempo no cristal diferenciou-se em dois movimentos, é um dos dois que se encarrega do futuro e da liberdade, sob a condição de sair do cristal. Então o real será criado, ao mesmo tempo que escapa ao eterno ricochete do atual e do virtual, do presente e do passado¹⁸.

Virtual se opõe ao atual, mas não se opõe ao real¹⁹.

A imagem virtual não existe na consciência, mas na relação com o fora; existe no tempo. O tempo se desdobra, a cada instante e sem finalização, em estados cristalinos, menina. O que se vê no cristal é a diferenciação do tempo, sua liberação de todo e qualquer tipo de subordinação, aprisionamento; o que se vê, infinitamente,

¹⁶ Ibid, p. 102.

¹⁷ Ibid, p. 159.

¹⁸ DELEUZE, 2013, p. 110.

¹⁹ Ibid, p. 56.

é o jorro da vida; o saltar da aranha na tecitura de formas de vida, de modos de (r)ex(s)istir.

É preciso que o tempo se cinda ao mesmo tempo em que se afirma ou desenrola: ele se cinde em dois jatos dissimétricos, um fazendo passar todo o presente e outro conservando todo passado. O tempo consiste nessa cisão, e é ela, é ele que se vê *no cristal*²⁰.

Um funcionamento que se conecta não por pontos, mas por linhas – a linha que se bifurca e não para de se bifurcar, passando por **“presentes impossíveis, retomando passados não-necessariamente verdadeiros”**²¹ – parecendo haver uma confusão entre tempos, espaços, corpos e e e... Aranha, espelho, cristal, vida...? Ahnara se ocupa com isso, com esse poder que a força pensar nessa relação sem uma lógica representativa; uma lógica sem razão de ser.

...na vida tudo é questão de força?

Sim, se compreendermos que a relação de forças não é quantitativa, mas necessariamente implica certas “qualidades”. Há forças que não sabem responder a outras, senão de uma única maneira, uniforme, invariável²².

Isso, menina – essas forças que acabam por se instituírem como norma – distancia a vida do que ela pode produzir; separa o falso, enquanto movimento de uma vida ativa, de sua potência de transmutação. Um estado de alerta para existência: ficar à espreita, sem de modo algum saber o que vem; não há controle, falta; há desejo, produção. Mas, como dar sentido... Antes de efetuar sua questão, livrou-se dela sem demora; sem lhe atribuir qualquer valor de verdade. Para Ahnara a vida é demasiadamente espetacular, intensa e misteriosa; um livro interminável e indecifrável de contos investigativos que a lança para o mundo das experimentações. Mundo no qual a própria vida se torna, a um só tempo, critério de avaliação e avaliadora de si. Um universo inexplicável formado por imagens-cristais, numa frequência vibracional que se estira em vários estados... em cristais do tempo.

²⁰ Ibid, p.102.

²¹ Ibid, p.160.

²² Ibid, p. 171.

A irredutibilidade da imagem-cristal consiste na unidade indivisível de uma imagem atual e de “sua” imagem virtual; o ponto de indiscernibilidade entre as duas imagens que nunca acabam de se reconstituir. O que é atual é sempre um presente. O presente muda ou passa, torna-se passado quando um novo presente o substitui. A imagem atual e a imagem virtual coexistem e se cristalizam, entram num circuito em uma constante troca. É preciso, portanto, que a imagem seja presente e passada, ainda presente e já passada, a um só tempo, ao mesmo tempo. Se não fosse já passada ao mesmo tempo que presente, jamais o presente passaria. O passado não sucede ao presente que ele não é mais, ele coexiste com o presente que foi. O presente é a imagem atual, e seu passado contemporâneo é a imagem virtual, a imagem especular²³.

Sua mãe salta apressada da cama; está atrasada para o trabalho. A demora para realizar sua rotina antes de sair, faz com que se sinta estrangeira em seu próprio território. Mesmo atrasada, deixa a mesa do café posta com tudo que a filha gosta: café, leite, queijo branco, banana, ovos mexidos com um pouco de aveia e chia. Na porta da geladeira, um bilhete, num *post it* amarelo, feito às pressas – a julgar principalmente pela dinâmica da escrita – muda os rumos daquele dia:

*B dia! Chegarei à noite.
Tome café. arrume o quarto.
Almoço tá pronto. Bj*

Ahnara é quase uma perita grafotécnica; examina manuscritos para descobrir os possíveis elementos de uma escrita. Uma ocupação que diz mais de uma paixão pela investigação, que de um interesse por qualquer tipo de representação a revelar uma forma invariável. Acha-se a profissional da área, com toda expertise de uma calejada investigadora. Ganhou de aniversário uma maleta com alguns instrumentos que a ajudam em seu trabalho: lupa, lanterna, transferidor, microscópio; além de sua companheira inseparável e preferida: a máquina fotográfica. Por mais que sua mãe tente estabelecer uma rotina diária, Ahnara sempre dá um jeito de fugir disso – ou seria com isso? – Sem renunciar às ações exigidas por sua madre, faz fugir um sistema organizado, inventa outras maneiras e tempos de lidar com a situação; o que permite que seus dias sejam tomados por eventos inusitados. Pôs-se a pensar no que improvisar com tanto tempo livre, sem o controle de um adulto para ditar cada passo a ser dado. Entre um afazer e outro, fica na janela de seu quarto observando com

²³ DELEUZE, 2013, p. 99.

binóculo um prédio acinzentado, camuflado pelas folhas das árvores. Algo naquela dura estrutura a atrai e desperta seu interesse para saber o que se passa com aquele lugar. A neblina impediu que a manhã anunciasse sua claridade, confundindo até mesmo o galo da vizinha que se recusou a acordar os moradores; parecia noite, ainda. O ar frio a faz desconfiar de que esta é uma estranha oportunidade para se viver uma grande aventura. Ahnara tem especial encantamento pelas baixas temperaturas que dão mais beleza à paisagem bucólica; um clima inspirador e discreto. O vento e a serena chuva, que se fazem tão intensos nesta época do ano, não parecem incomodar essa pequena de apenas 8 anos de idade; ao contrário, torna-se mais ativa enquanto outras vidas hibernam.

Uma vida não contém nada mais que virtuais. Ela é feita de virtualidades, acontecimentos, singularidades. Aquilo que chamamos de virtual não é algo ao qual falte realidade, mas que se envolve em um processo de atualização ao seguir o plano que lhe dá sua realidade própria²⁴.

Com mochila nas costas e um fino casaco branco, de pura seda, sai pela porta da frente seguindo pistas que a levem à emblemática edificação. Suas pernas sentem o peso que carrega e a distância, até então trilhada. Ahnara pensa em parar um pouco para descansar; quando faz o movimento de se assentar na calçada, avista uma área coberta por um tapete de folhas secas. Aperta o passo na tentativa de encurtar esse intervalo; acredita, enfim, ter se encontrado com um possível local de dança para **divinos acasos**²⁵. Um lugar perfumado com flores silvestres, cercado por eucaliptos e ipês amarelos. No portão, há uma placa; a ferrugem esconde o que está escrito, deixando à mostra apenas algumas letras “ENTE”. Aproxima-se, vê que está aberto e resolve entrar. Depara-se com um pátio grande; mais adiante, com uma porta de vidro. Fica olhando para ver se tem alguém por ali; ensaia alguns sons, mas prefere seguir em silêncio. Ao mexer na porta, percebe que o vidro está quebrado, dando acesso à tranca que só permite sua abertura por dentro. Nem precisa de muito esforço, quando toca na tramela a porta se abre; para sua surpresa, dá de cara com outra porta; diferente da anterior, essa está coberta por um tecido disforme e fibroso. O que será isso? Sua curiosidade é maior que seu medo e segue a investigar aquele lugar

²⁴ DELEUZE, 2002, p. 16.

²⁵ DELEUZE, 2018, p. 38.

sombrio. Quando por fim entra, fica hipnotizada; num piscar de olhos pensa estar no **Poço Chand Baori** – não pela incrível arquitetura – pela infundável escadaria. Nas extremidades, um longo corredor com recuos de um lado a outro. Em cada entrada havia uma marcação desgastada; algumas delas indicam certa combinação de letras e números. Ao subir as escadas, mais corredores, recuos e marcações. As paredes se desfazem a cada movimento; tijolos à vista, vidros quebrados, móveis empoeirados, lixos espalhados, entulhos, cinzas... como se o lugar nunca tivesse sido habitado. Marcas de destruição, escombros... tudo isso foi complicando ainda mais a investigação; não dava para entender o que significavam aqueles rastros e descuidos. Ahnara sobe o último lance de escadas e se surpreende com um espaço no qual parte da parede havia caído, possibilitando uma mirada extraordinária de sua própria casa... à distância; um movimento de saída – para além de um esqueleto arquitetônico – numa relação entre territórios.

Todo um jogo de territórios bem determinados, planejados. Tem-se um porvir, não um devir. Eis uma primeira linha de vida, “linha de segmentaridade dura ou molar”; de forma alguma é uma linha de morte, já que ocupa e atravessa nossa vida, e finalmente parecerá sempre triunfar. Ela comporta até mesmo muita ternura e amor. Seria fácil demais dizer: “essa linha é ruim”, pois vocês a encontrarão por toda a parte, e em todas as outras²⁶.

Restos de suas conversas com o espelho...

Aquela altura vertiginosa causa um mal-estar na menina que desce, acelerada e em tropeços, as escadas. Certa de que não deseja mais seguir com sua expedição, faz o percurso de volta. Do lado esquerdo do corredor, na entrada, ao pular o primeiro degrau, nota alguns quadros pendurados na parede mofada. Os rostos desconhecidos não dizem muito, apenas que não são membros de uma mesma família. Afasta-se para ver melhor as imagens e, num passo em falso, encosta na porta de madeira podre. Ahnara cai em um cômodo escuro e é amortecida por um colchão de papéis. Levanta-se, em meio àquela desorganização, tomada de assalto por uma placa de metal oxidada que marca sua testa com uma forte linha vermelha. Três letras não bastam para identificá-la; mesmo assim, a menina arrisca: “TEC”... só pode ser de “TECNOLOGIA”. Mas... aqui só tem papel! Papéis soltos, folhas devoradas,

²⁶ DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 73-74.

manuscritos... Quando leva a mão para agarrar o caderno colorido, escuta um barulho; parece uma voz pedindo algo. Sim! Seu estômago a exigir um pouco de atenção. Ahnara se distrai tanto que sequer se lembra do lanche e da água que levava; não tem ideia se já passou a “sagrada hora do almoço”. Eis o som de sua mãe – um eco em seu ouvido – que faz questão de conservar este momento. O relógio que a presentearam em seu último aniversário, Ahnara negociou com a gaveta do guarda-roupa; suspeita desse tal aparelho de marcar o tempo. Às vezes, quando sua mãe pergunta pelas horas, pede ajuda ao celular que, porventura, ficou preso à tomada da cozinha.

...por onde começar?

Indaga Ahnara!

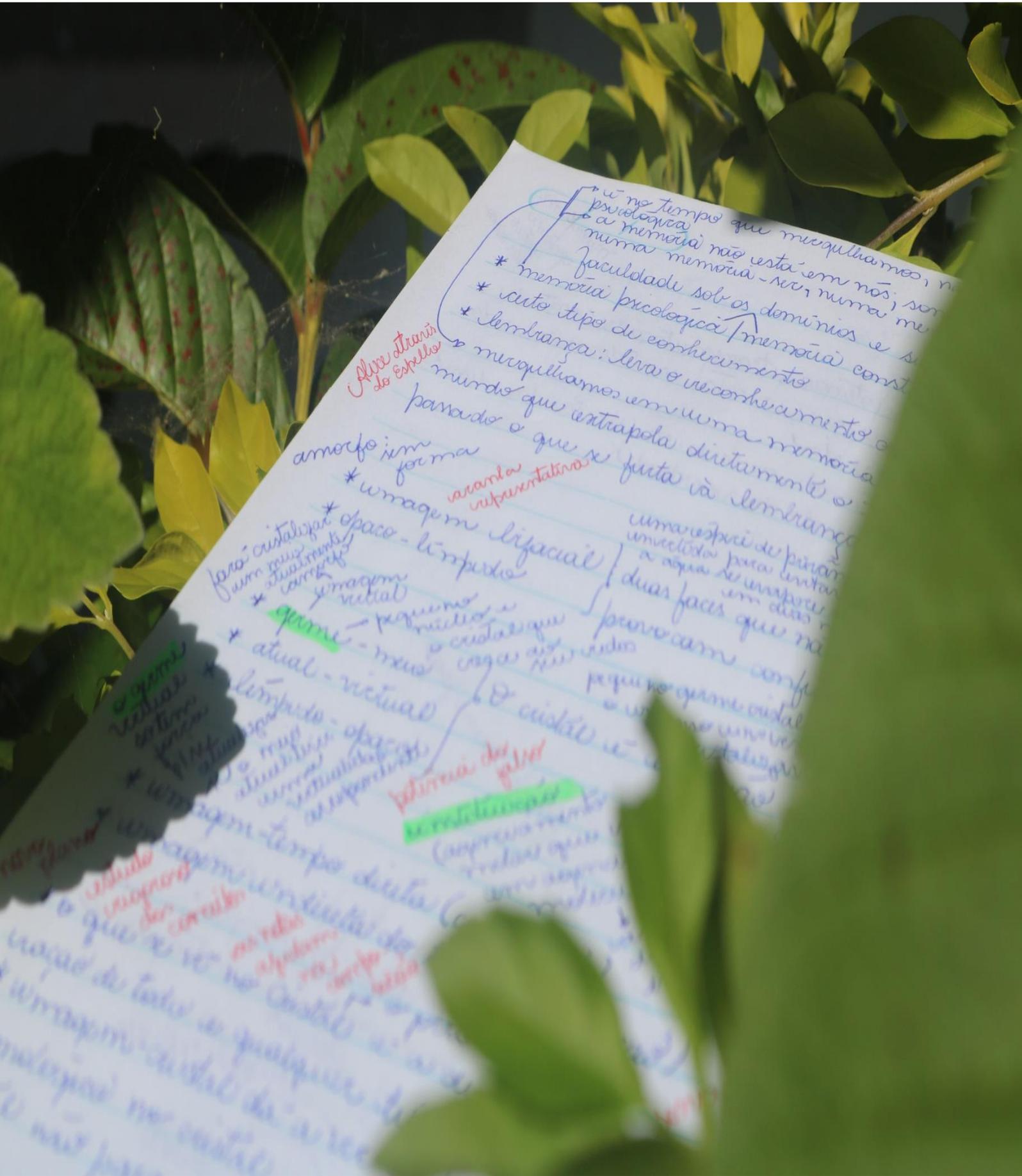
Ao se abaixar para pegar uma folha rabiscada, a linha presa à sua roupa agarra o rodapé e ela percebe algumas **notas**²⁷ legivelmente escritas. Até então, não havia se dado conta de que um fio de seu casaco ficou preso à guarnição da porta, guiando-a desde que entrou naquele misterioso labirinto...

(...) mas o labirinto já não é o labirinto do conhecimento e da moral, o labirinto já não é o caminho tomado por quem, segurando o fio, vai matar o touro. O labirinto tornou-se o próprio touro branco, Dioniso-touro: “Sou o teu labirinto”. Mais precisamente, o labirinto agora é a orelha de Dioniso, a orelha labiríntica. Ariadne precisa ter orelhas como as de Dioniso, a fim de ouvir a afirmação dionisíaca, mas também precisa responder à afirmação ao ouvido do próprio Dioniso. Dioniso diz a Ariadne: “Tens pequenas orelhas, tens minhas orelhas, põe aí uma palavra sensata”, sim. Ocorre ainda a Dioniso dizer a Ariadne, por brincadeira: “Por que tuas orelhas não são ainda mais longas?”. Dioniso lhe recorda assim seus erros, quando ela amava Teseu: acreditava que afirmar era carregar um peso, fazer como o asno. Na verdade, porém, com Dioniso Ariadne adquiriu pequenas orelhas: a orelha redonda, propícia ao eterno retorno. O labirinto já não é arquitetônico, tornou-se sonoro e musical²⁸.

²⁷ Se a instituição é um agenciamento molar que repousa em agenciamentos moleculares (daí a importância do ponto de vista molecular em política: a soma dos gestos, atitudes, procedimentos, regras, disposições espaciais e temporais que fazem a consistência concreta ou a duração - no sentido bergsoniano - da instituição, burocracia estatal ou partido), o indivíduo por sua vez não é uma forma originária evoluindo no mundo como em um cenário exterior ou um conjunto de dados aos quais ele se contentaria em reagir: ele só se constitui ao se agenciar, ele só existe tomado de imediato em agenciamentos (ZOURABICHVILI, 2004, p. 9).

²⁸ DELEUZE, 1997, p. 118-119.

Provocada por tantos papeis, fia seus registros entre escritas e fotografias... Alguns blocos não foram danificados, o que facilita sua leitura: NOR-MAS, PO-LÍ-TI-CA, BOLE-TIM, CUR-RÍ-CULO, GUI-A, FORMU-LÁRIO, RE-PRO-VAÇÃO, PRO-JETO, MA-NUAL, DISCI-PLINA, RE-GI-MENTO, ADVER-TÊNCIA, B-N-C-C, GRA-DE, A-PRO-VAÇÃO, CÓ-DIGO, CON-DUTA, DI-ÁRIO, DI-DÁ-TICA, RE-GISTRO. Ao ler cada termo, em marcha e concentração, um estranhamento lhe fez parar... O que guarda um in-cômodo? Pensou que seja lá o que fosse aquele lugar, seria melhor não saber; não parecia ter sido interessante, aprazível... ao contrário, os sons das palavras indicam algo temível. A menina fica sem compreender o que se passou e segue entre acontecimentos a entretecer seus fios. Decide aproveitar o cenário em ruínas para fotografar as variedades e variações de teias e aranhas que decoram com sutileza cada canto daquele território abandonado; lugar marcado pela indecifrável força do tempo. Numa combinação de mistério e encanto, singularidades dão pistas de ocupações de formas outras de (r)ex(s)istências. Ahnara flutua no ar e deixa pelo caminho linhas de seda a des-fiar seu casaco; um acrobático balonismo que a faz alçar voos cada vez mais distantes; a sobrevoar numa velocidade infinita uma vida indefinida que se produz entre-espacos, entre-tempos, entre-linhas e e e...



Alceste de Espelhos

no tempo que nos inquietamos, na psicologia a memória não está em nós, senão numa memória - seu, numa memória

- * memória psicológica / memória e s
- * este tipo de conhecimento const
- * lembrança: leva o reconhecimento

nos inquietamos em uma memória o mundo que ultrapassa diariamente o passado o que se funda à lembrança

amorfo: sem forma

- * imagem *aranda supventativa*

para: cristalização
um mais atualmente
carregado

- * espaço - limpo
- * imagem *retal*

uma espécie de parâmetro unificado para unir a água se evaporar em duas duas facas que não

pequeno e médio e cristal que
os cristais que
os cristais que

- * atual - real

limpo - virtual

espaço - opaco

retal
retal

o que se vê
o que se vê

REFERÊNCIAS

BELCAVELLO, Maria Paula Pinto dos Santos. **Potência do falso**: fio a fabu(r)lar formações. 2021. 124 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2021.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BORGES, Jorge Luis. El jardín de senderos que se bifurcan. In: _____. **Ficciones**. Buenos Aires: SUR, 1944.

CHIROVICI, Eugen Ovidiu. **O livro dos espelhos**. Trad. Roberto Muggiati. Rio de Janeiro: Editora Record, 2017.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Trad. Mariana de Toledo Barbosa e Ovídio de Abreu Filho. São Paulo: n-1 edições, 2018.

_____. **A Imagem-Tempo**. Trad. Eloisa de Araújo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2013.

_____. Imanência: uma vida... **Educação & Realidade**, UFRGS, v. 27, n.º 2, p. 10-18. 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/31079/19291>. Acesso em: 10 fev. 2021.

_____. Mistério de Ariadne segundo Nietzsche. In: _____. **Crítica e clínica**. Trad. Peter Pal Pélbart. São Paulo: Editora 34, 1997. p. 114 -121.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 3. 2.ª ed. Trad. Aurélio Guerra Neto et. al. São Paulo: Editora 34, 2012.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Ifch-Unicamp, 2004. Disponível em: <https://docplayer.com.br/5215617-O-vocabulario-de-deleuze.html>. Acesso em: 11 dez. 2019.